

# ENTREGA DE SI A DEUS VIVER EM OFERECIMENTO PELA SALVAÇÃO DO MUNDO



Estudos

[www.fatima.pt/documentacao](http://www.fatima.pt/documentacao)

MORUJÃO, Manuel – Entrega de si a Deus: viver em oferecimento pela salvação do mundo. Em COSTA, Bernardino, coord. – *Quereis oferecer-vos a Deus?: itinerário temático do Centenário das Aparições de Fátima: 2.º ciclo*. Fátima: Santuário de Fátima, 2011. p. 45-62.

---

Manuel Morujão

A primeira aparição de Nossa Senhora aos Pastorinhos de Fátima pode resumir-se no desafio que lhes fez a *Senhora mais brilhante que o sol*: «Quereis oferecer-vos a Deus para suportar todos os sofrimentos que Ele quiser enviar-vos, em acto de reparação pelos pecados com que Ele é ofendido e de súplica pela conversão dos pecadores?» (*Memórias da Irmã Lúcia – 4.ª Memória*, II, 3).

O deslumbramento de uma aparição sobrenatural era clarificado com uma proposta apostólica: aderir ao projecto de Deus, transmitido pela Mãe do céu, colaborando assim na construção de um mundo melhor, pela reparação dos pecados cometidos e de intercessão pela conversão dos pecadores.

A extraordinária manifestação sobrenatural da aparição de Nossa Senhora não centrou os pastorinhos sobre Ela mesma, sobre os seus privilégios de Mãe de Deus, sobre as suas virtudes e perfeições. Também não foi ocasião de os pastorinhos ficarem centrados na sua experiência *mística*, vangloriando-se da sua visão excepcionalmente privilegiada. Maria, missionária de Deus, propõe uma missão a Lúcia, Francisco e Jacinta: – *Quereis oferecer-vos como missionários do Altíssimo para melhorar o mundo? Quereis não já viver para vós próprios* (cf. Rm 14, 7-8), *mas oferecer-vos a Cristo, como Ele se ofereceu ao Pai e continua a oferecer por nós, cooperando com a salvação da humanidade?*

Neste contexto, desenvolverei algumas ideias na linha da espiritualidade do oferecimento ou entrega de nós próprios a Deus, o que inclui naturalmente a oferta àqueles que na nossa vida são autênticas presenças de Nosso Senhor.

## 1. NA CIVILIZAÇÃO DOS PRESENTES TORNARMO-NOS OFERTA A DEUS

Dar e receber presentes é, hoje em dia, uma forte instituição social. Nunca se deram e receberam tantos presentes. O mundo comercial aproveita toda a espécie de ocasiões para que os presentes se multipliquem: Natal e Páscoa; festas de anos e de outros aniversários; «dias» com uma vertente comercial fortíssima: dia do pai e da mãe, da mulher e da criança, dos namorados e dos músicos...

Vivemos na *civilização dos presentes*. Com o que tem de positivo: atenção aos outros, partilha de bens, celebração da fraternidade. «Há mais alegria em dar que em receber» (Act 20, 35) afirma S. Paulo, citando Jesus. Somos mais nós mesmos quando nos damos. Por outro lado, há elementos ambíguos e desfocados: em vez de ofertas cordiais e gratuitas, pode cair-se num jogo de conveniências, numa mera praxe social. Em vez de nos darmos a nós mesmos, com efectiva afectividade, podemos substituir-nos pelas coisas que damos. O dar alguma coisa tem que significar o compromisso em nos darmos a nós mesmos.

Neste contexto actual, em que dar presentes é uma frequente prática comum, importa aceitarmos o desafio de nos darmos a nós mesmos a Deus e, por Ele, aos que o Senhor coloca na nossa vida. Importa responder a esta exortação de Paulo a nos fazermos presente para Deus: «Rogo-vos, pois, irmãos, pela misericórdia de Deus, que ofereçais os vossos corpos como uma hóstia viva, santa, agradável a Deus: este é o vosso culto espiritual. Não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos com a renovação da nossa mente, para que reconheçais qual é a vontade de Deus, o que é bom, o que lhe agrada e o que é perfeito» (Rm 12, 1-2).

## **2. ADORAMOS E SEGUIMOS A SANTÍSSIMA TRINDADE, DEUS QUE VIVE EM OFERTÓRIO DE AMOR**

A espiritualidade da entrega ou oferecimento das nossas vidas não foi inventada por doutos teólogos, por santos ou sábios. A sua autoria vem do próprio Deus. Desde toda a eternidade, o Pai, o Filho e o Espírito Santo vivem numa doação mútua constante, amorosamente infinita. Cada Pessoa divina é o que é pela sua entrega às outras Pessoas.

A Santíssima Trindade é uma real história de doações recíprocas. Na Comunidade Trinitária, cada Pessoa define-se como um presente para as outras: «Cada uma das Pessoas divinas não existe para si mesma senão sendo para as outras duas: o Pai não existe como Pai distinto do Filho senão pela doação total de si ao Filho; o Filho não existe como Filho distinto do Pai senão sendo impulso de amor para o Pai» (François Varillon).

Quem é Deus? Deus é um presente de amor feito Pessoas: «Deus é um processo de generosidade ou geração que brota do Pai; Deus é acolhimento ou filiação, que descobrimos no Filho; finalmente, Deus é unidade e comunhão no Espírito Santo. Os membros da família de Deus são pessoas no mais profundo sentido do termo: são donas da sua própria realidade ou da sua essência que oferecem, acolhem e partilham de um modo inteiramente livre e transparente» (Xabier Pikaza).

O *ser para os outros* faz parte da identidade estrutural de Deus. «O amor não permitiu a Deus ficar só», recorda S. Tomás de Aquino. Na Trindade divina, a Pessoa que une o Pai ao Filho e o Filho ao Pai é o Espírito Santo. Ele é «o Senhor que dá a vida», como rezamos no Credo. Ele é «a Pessoa dom», como o definiu o Papa João Paulo II.

Somos criados à imagem de um Deus que é infinitamente presente, doação, entrega de Si mesmo... O egoísmo avarento, o viver entrincheirado em si próprio é uma heresia anti-trinitária... Toda a centração egocêntrica em nós mesmos é uma experiência de descrença no verdadeiro Deus, de ateísmo prático. É remar contra a corrente de doação de Deus.

A história de Deus é uma história de doação de si mesmo, não só dentro da Trindade, como também para fora, fazendo-nos entrar na sua vida: criação, encarnação, redenção, vinda do Espírito Santo, experiência da graça hoje em dia, especialmente pela vida de oração e de sacramentos. «Da sua plenitude todos nós recebemos graça sobre graça» (Jo 1, 16). O nosso Deus é um sumo especialista em presentes, um infinito benfeitor da humanidade, de todos e cada um de nós.

### **3. A VIDA DE CRISTO É UMA VIDA ENTREGUE A DEUS E OFERECIDA A NÓS**

Jesus Cristo é o Sumo Sacerdote que se ofereceu a Si mesmo a Deus pela nossa salvação (Heb 7, 28; 9, 14; 9, 25; 9, 26; 9, 28), dado que os sacrifícios e holocaustos da antiga lei eram ineficazes: «Por isso, Jesus Cristo, entrando no mundo, diz: «Não quiseste sacrifício nem oblação, mas formaste-me um corpo; os holocaustos e sacrifícios pelo pecado não te agradaram. Então, Eu disse: Eis-me que venho, segundo o que está escrito de mim no rolo do livro, para fazer, ó Deus, a tua vontade»» (Heb 10, 5-7).

Cristo, fazendo o oferecimento de Si mesmo, salva-nos: «Por esta vontade somos santificados, mediante a oferta do corpo de Jesus Cristo, feita de uma vez para sempre» (Heb 10, 10).

Ser cristão é imitar o oferecimento que Jesus fez e continua a fazer de Si próprio, ao Pai, para a salvação da humanidade: «Andai no amor, a exemplo de Cristo, que nos amou e Se entregou a Si mesmo por nós a Deus, como oferta e sacrifício de suave odor» (Ef 5, 2).

Cristo compara-se ao bom pastor que ama mais as ovelhas que a sua própria vida: «Eu sou o bom pastor. O bom pastor dá a vida pelas suas ovelhas... Eu dou a vida pelas minhas ovelhas» (Jo 10, 11.15).

Jesus viveu a sua vida em ofertório livre, consciente, voluntário, cumprindo assim a vontade expressa do Pai: «Se o Pai me ama é porque dou a minha vida para outra vez a assumir. Ninguém ma tira, mas Eu a dou por mim mesmo e tenho poder de a dar e de a retomar. Este é o mandamento que recebi de meu Pai» (Jo 10, 17-18).

Só se possui verdadeiramente e só lucra de facto quem se oferece e entrega, como Jesus fez: «Em verdade, em verdade vos digo, se o grão de trigo, que cai na terra, não morrer, fica infecundo; mas se morrer, produz muito fruto. Quem ama a sua vida perdê-la-á e quem aborrece a sua vida neste mundo, conservá-la-á para a vida eterna» (Jo 12, 24-25). Recordo-me de ter lido esta frase de sabedoria evangélica: «Nós perdemos tudo o que não damos».

Toda a vida de Cristo pode ser lida como uma entrega de Si mesmo a Deus Pai pela salvação da humanidade. Entrega também àqueles que fizeram parte da sua vida na terra. Neste ofertório, encontramos alguns presentes particulares, entre os quais destaco:

– a dádiva da nossa filiação divina, pois no Filho de Deus, que se fez nosso irmão, nos tornámos filhos de Deus: «Vós, porém, orai assim: Pai nosso...» (Mt 6, 9); «Subo para o meu Pai e vosso Pai, para o meu Deus e vosso Deus» (Jo 20, 17);

– o presente do acolhimento incondicional e da aceitação plena, mesmo dos pecadores públicos e dos socialmente marginalizados (leprosos e possessos, pecadores e publicanos, prostitutas e adúlteras...): «Não são os que têm saúde que precisam de médico, mas sim os doentes. Ide aprender o que significa: Prefiro a misericórdia ao sacrifício. Porque Eu não vim chamar os justos, mas os pecadores» (Mt 9, 12-13);

– a oferta do perdão misericordioso dos pecados do mundo, dos nossos pecados: os milagres físicos eram sinal dos milagres espirituais, realizados num clima de fé: «Para que saibais que o Filho do Homem tem na terra o poder de perdoar os pecados, Eu te ordeno – disse ele ao parálítico – levanta-te, toma o teu leito e vai para a tua casa» (Lc 5, 24);

– o presente de uma vida centrada na vontade e na missão do Pai: «O meu alimento é fazer a vontade daquele que me enviou e realizar a sua obra» (Jo 4, 34); «por mim nada faço, mas conforme o Pai me ensinou é que falo. Aquele que me enviou está comigo, não me deixou só, porque Eu sempre faço o que é do seu agrado» (Jo 8, 28-29);

– a dádiva de uma herança feita de paz: «Deixo-vos a paz, dou-vos a minha paz; não vo-la dou como a dá o mundo. Não se perturbe o vosso coração nem se assuste» (Jo 14, 27);

– mesmo em dolorosíssima agonia, Cristo oferece presentes: oferece-nos sua Mãe, na pessoa do discípulo João – «Eis a tua Mãe» (Jo 19, 27); oferece a um ladrão arrependido o céu – «Em verdade te digo: hoje estarás comigo no paraíso» (Lc 23, 43);

– o divino presente da Eucaristia, provando que «ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida pelos seus amigos» (Jo 15, 13); «Tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até ao extremo» (Jo 13, 1);

– o maior oferecimento que houve sobre a face da terra: Deus, por nosso amor, entrega a sua vida numa cruz; o último gesto de Cristo, resumo da sua vida, foi um acto de oferecimento: «Jesus, exclamando em voz alta, disse: “Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito”. Dizendo isto, expirou» (Lc 23, 46);

– o presente do Espírito Santo: «Eu rogarei ao Pai e Ele vos dará outro Paráclito, para que fique eternamente convosco, o Espírito da verdade» (Jo 14, 16-17); «o Paráclito, o Espírito Santo, que o Pai

enviará em meu nome, vos ensinará todas as coisas e vos recordará tudo o que vos disse» (Jo 14, 26); «digo-vos a verdade: a vós convém que Eu vá, porque, se não for, o Paráclito não virá a vós; mas, se for, Eu vo-lo enviarei» (Jo 16, 7)...

Cristo é o divino mestre da arte do oferecimento. Toda a sua vida foi uma entrega de si ao Pai pela nossa salvação. Jesus viveu a dar a sua vida: «Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância» (Jo 10, 10).

#### **4. A EUCARISTIA: SACRAMENTO DO OFERECIMENTO DE CRISTO**

Não nos deveríamos sentir em desvantagem perante os contemporâneos de Jesus, que conheceram e encontraram o Jesus da encarnação. É que a Eucaristia não é menos Jesus que o de há dois mil anos, vivendo fisicamente connosco. A Eucaristia não é uma saudosa recordação, uma preciosa relíquia ou uma fiel imitação de Cristo. A Eucaristia é Cristo. A Eucaristia não apenas «tem» a presença real de Cristo. A Eucaristia «é» o próprio Cristo, sob as espécies do pão e do vinho. Como afirmava o documento preparatório do Congresso Eucarístico Internacional de Sevilha, «A Eucaristia não é alguma coisa, é Alguém; não é só o efeito ou a obra salvadora de Cristo, é o próprio Cristo salvador que salva, a partir da integridade do seu mistério, da sua vida e da sua missão» (*Christus lumen gentium*).

Como nos recorda o Catecismo da Igreja Católica (n. 1407), «a Eucaristia é o coração e o ponto mais alto da vida da Igreja, porque nela Cristo associa a mesma Igreja, com todos os seus membros, ao seu sacrifício de louvor e acção de graças, oferecido ao Pai uma vez por todas na Cruz; por este sacrifício, Ele derrama as graças de salvação sobre o seu Corpo, que é a Igreja».

Cada Eucaristia renova a oferta da vida de Jesus pela salvação do mundo. «*Santo Sacrifício*, porque actualiza o único sacrifício de Cristo Salvador» (*Catecismo da Igreja Católica*, 1330). A Eucaristia é o sacramento do oferecimento de Jesus Cristo, «por nós homens e para nossa salvação», segundo proclamamos no Credo. Como recorda o autor da Carta aos Hebreus, a salvação vem-nos por um acto de entrega, de oferecimento: «Somos santificados mediante a oblação do corpo de Jesus Cristo, feita de uma vez para sempre» (*Heb 10, 10*).

A Eucaristia é o sacramento do oferecimento salvador de Cristo: «Na hora em Ele se entregava para voluntariamente sofrer a morte...» (*Oração eucarística II*). Cristo na Eucaristia actualiza a oferta do bom pastor pelas suas ovelhas: «Eu sou o bom pastor.

O bom pastor dá a vida pelas suas ovelhas» (Jo 10, 11), por todos nós. É uma entrega voluntariamente querida e com dedicatória pessoal: «Eu sou o bom pastor; conheço as minhas ovelhas e as minhas ovelhas conhecem-me a mim»... «Dou a minha vida para outra vez a assumir. Ninguém ma tira, mas eu a dou por mim mesmo e tenho poder de a dar e de a retomar» (Jo 10, 14. 17-18).

Participar numa Eucaristia, comungar a Cristo deve levar-nos a assumir e praticar o estilo eucarístico de Jesus. Como diz a própria fórmula da consagração: «Tomai todos e comei. Isto é o meu corpo que será entregue por vós... Tomai todos e bebei. Este é o cálice do meu sangue, o sangue da nova e eterna aliança, que será derramado por vós e por todos para remissão dos pecados» (*Missal Romano*). Viver em oferecimento, na entrega de nós próprios a Deus e no serviço do próximo, é praticar a Eucaristia celebrada e comungada.

## 5. MARIA, UMA VIDA FEITA OFERTA

Toda a vida de Maria foi de entrega a Deus e aos seus projectos de salvação. No encontro fundamental da anunciação, quando recebe uma proposta inimaginável de ser Mãe de Deus, Maria declara que toda ela se faz um presente, em disponibilidade sem condições: «Eis a serva do Senhor, faça-se em mim, segundo a tua palavra» (Lc 1, 38).

A grandeza de Nossa Senhora não está em si mesma, mas na sua abertura para acolher a grandeza de Deus. Como afirma Bento XVI, «Maria é grande, precisamente porque não quer fazer-se grande a si mesma, mas engrandecer a Deus. Ela é humilde: não deseja ser mais nada senão a serva do Senhor (cf. Lc 1, 38.48). Sabe que contribui para a salvação do mundo, não realizando uma sua obra, mas apenas colocando-se totalmente à disposição das iniciativas de Deus» (*Deus caritas est*, 41).

Maria é o modelo perfeito da entrega de si mesma a Deus, para cumprir os seus planos de salvação: «A única atitude diante de Deus é a de dizer-lhe: *Eis-me aqui!* Um acto de disponibilidade, de humildade, de pobreza, de consentimento» (Jean Lafrance). O P. José Craveiro dá esta definição de consagrado, que de uma maneira especial se aplica a Nossa Senhora: «O consagrado é um expropriado para utilidade pública». Viver libertos de nós, da sede insaciável de posse e de poder, fazendo-nos dom gratuito para *utilidade pública*, para colaborar com os planos de salvação de Deus.

Nossa Senhora viveu desposuída de si própria, da sua grandeza, privilégios e planos pessoais, totalmente feita uma oferta para Jesus e para a sua missão salvadora, assumindo todos os riscos e dificuldades: dar à luz Jesus fora da sua terra e sem casa, em Belém; fuga para o Egipto, para livrar da morte o seu filho; apresentação no templo, oferecendo o seu filho primogénito para o serviço do Senhor; vida de trabalho intenso e duro em Nazaré; perda de Jesus no templo em Jerusalém; saída de Jesus de Nazaré para a missão apostólica, com seus êxitos e incompreensões; paixão e morte de Jesus; ressurreição e Pentecostes: «Todos perseveravam unanimemente em oração com Maria, Mãe de Jesus» (*Act 1, 14*)... Atitude que devemos actualizar hoje, como bons filhos que aceitam o presente magnífico de Jesus Cristo, que nos ofereceu a sua própria Mãe: «Eis a tua Mãe» (*Jo 19, 27*).

Maria, hoje, junto de Deus na glória, faz-se presente pela intercessão maternal. Como recorda o Concílio Vaticano II (*Lumen gentium*, 62), Maria «cuida, com amor materno, dos irmãos de seu Filho que, entre perigos e angústias, caminham ainda na terra até chegarem à pátria bem-aventurada. Por

isso, a Virgem é invocada na Igreja com os títulos de advogada, auxiliadora, socorro, medianeira». Nossa Senhora, no Céu, vive em perpétuo mistério e ministério da visitação... Nós somos as novas *Isabéis*, a quem cabe o esforço de nos deixarmos visitar por Maria, Mãe de Deus e nossa Mãe.

Paulo VI ao promulgar a Constituição dogmática sobre a Igreja do Concílio Vaticano II (1964.11.21), declarou solenemente Maria «Mãe da Igreja, isto é, de todo o povo de Deus, tanto dos fiéis como dos pastores, que lhe chamam Mãe amorosíssima». E o Concílio assim apresenta a missão de Maria: «A função maternal de Maria em relação aos homens de modo algum ofusca ou diminui esta única mediação de Cristo; manifesta antes a sua eficácia... De modo nenhum impede a união imediata dos fiéis com Cristo, antes a favorece»... Maria «cooperou de modo singular, com a sua fé, esperança e ardente caridade na obra do Salvador, para restaurar nas almas a vida sobrenatural. É, por esta razão, nossa mãe na ordem da graça»... «Esta maternidade de Maria na economia da graça perdura sem interrupção, desde o consentimento que fielmente deu na anunciação e que manteve inabalável junto à cruz, até à consumação eterna de todos os eleitos» (*Lumen gentium*, 60-62).

Bento XVI resume assim a vida e missão de Nossa Senhora, com a eloquência da simplicidade: «Maria é uma mulher que ama» (*Deus caritas est*, 41). Ou seja, Maria é a transparência humanamente feminina de Deus Amor. Cabe-nos abrir as nossas vidas a este amor imenso da própria Mãe de Deus, que é nossa Mãe também.

«Amor com amor se paga», recorda a sabedoria do nosso povo. Assim, à doação maternal de Maria deve corresponder a nossa entrega, de devoção e amor filial, a Nossa Senhora. Admiramos todos certamente a entrega que João Paulo II, recentemente beatificado, fez da sua vida a Deus por meio de Maria e que consignou na sua divisa episcopal: «*Totus tuus*. Todo teu. Tudo o que tenho vos pertence. Sois todo o meu bem. Dai-me o vosso coração».

A história das aparições de Nossa Senhora (Guadalupe, Lourdes...), particularmente em Fátima, revela uma manifestação especial de Deus que vive plenamente entregue a todos nós. São uma prova do amor maternal de Nossa Senhora que sempre nos visita e se oferece como amparo e refúgio de suas filhas e filhos muito amados.

## **6. CULTIVAR A ESPIRITUALIDADE DA OFERTA DE NÓS PRÓPRIOS**

Depois de vermos como Deus vive a entregar-se a nós, actualizando continuamente a história da nossa salvação; tendo reflectido sobre a vida de Jesus Cristo como uma entrega incondicional à vontade do Pai na doação total de si próprio a todas as pessoas; depois de considerar a vida e a missão de Maria como fiel serva do Senhor e mãe solícita entregue ao bem de todos nós seus filhos; não podemos deixar de olhar para nós próprios, a fim de verificarmos como imitamos Deus e a sua fiel serva Maria na entrega de nós mesmos.

A generosidade que nos é pedida, à imagem e semelhança de Deus, não está propriamente em oferecer

coisas, mas sim em nos oferecermos a nós próprios. Por vezes, parece que os nossos presentes e ofertas pretendem ser um substituto de nós mesmos, da entrega do nosso coração.

Nas relações humanas, as coisas que damos valem na medida em que significam a dádiva pessoal de nós próprios. Isso exige sacrifício, mas dá beleza e alegria às nossas vidas. Assim se expressa um monge cartuxo francês do século XX, Dom Augustin Guillerand: «Dar-se é esquecer-se de si próprio... O dom de si é fonte e condição de vida, portanto de realização e de alegria. Continuemos a encontrar a nossa alegria no belo sofrimento do dom de nós mesmos». Todo o dom é o seu doador. Um quadro ou uma escultura são o pintor ou o escultor que se me comunicam. Todos os dons de Deus, são Deus a fazer-se dom. Uma graça não é somente uma graça, mas é *Deus gracioso* que me visita, Deus que se oferece em presente na graça presenteada.

A nossa relação com Deus e com os outros deve crescer sempre mais numa linha de oferecimento pessoal. O mandamento do amor que resume toda a doutrina de Jesus é um preceito para viver a oferecer a vida: «É este o meu mandamento: que vos ameis uns aos outros como Eu vos amei. Ninguém tem mais amor do que quem dá a vida pelos seus amigos» (Jo 15, 12-13).

É natural sentirmos a tentação de nos fecharmos em nós próprios, porque a nossa doação pessoal pode parecer uma perda do que somos, sabemos e valemos. Mas todos felizmente temos a experiência que só ganha quem se oferece, que no dar é que está o ganho. Quem mais se possui e é mais rico é quem mais se dá. Assim nos exorta Cristo: «Dai e ser-vos-á dado» (Lc 6, 38). E São Francisco de Assis faz este eco ao que disse Jesus: «É dando que se recebe». Na mesma linha nos desafia Santo Agostinho: «Terás tu medo de te perder, ao dar-te? Pelo contrário, tu perdes-te se te recusas a dar-te».

S. Inácio de Loiola conclui o itinerário dos *Exercícios Espirituais*, na *contemplação para alcançar amor*, propondo ao exercitante que faça um acto de oferecimento, como resumo de tudo e propósito que perdura: «Tomai, Senhor, e recebei toda a minha liberdade, a minha memória, o meu entendimento e toda a minha vontade. Tudo o que tenho e tudo o que possuo. Vós mo destes, a vós, Senhor, o restituo. Tudo é vosso, disponde de tudo segundo a vossa inteira vontade. Dai-me o vosso amor e a vossa graça, que isso me basta».

Tudo o que não damos, acabamos por perdê-lo... A pessoa mais rica é a mais generosa.

O notável escritor indiano Rabindranah Tagore conta a história de um rei que, numa visita ao interior do seu território, encontrou um pobre que, cheio de alegria, lhe estendeu a mão, na certeza que iria receber uma esmola como nunca tinha alcançado. Eis senão quando o rei estendeu a mão ao pobre, invertendo os papéis... Cheio de espanto, o pobre sem saber o que fazer, envergonhado, tirou um grão de arroz do seu saco e ofereceu-o ao rei. À noite, quando pôs sobre a mesa as esmolas recebidas, notou que no meio de muitos grãos de arroz, brilhava um grão de ouro puro. E caiu na conta que era o grão de arroz que oferecera ao rei, que se tinha transformado em ouro. Tirando a lição, concluiu: *Que*

*pena não ter sido mais generoso com sua majestade! Agora estaria rico, sem nunca mais precisar de mendigar!*

Somos os primeiros beneficiados da nossa generosidade em oferecer a Deus e aos nossos irmãos e irmãs que são suas vivas imagens, o nosso amor, por orações, sacrifícios e obras de caridade. Os dons de Deus entram na nossa vida pela porta da nossa generosidade. Dar afecto, tempo, ajudas de todo o género não é uma perda, mas sim um excelente investimento. Como recorda Jesus Cristo, um simples copo de água, oferecido por amor, não deixará de ter a sua recompensa (cf. Mt 10, 42).

## **7. PRÁTICA DA ENTREGA A DEUS PELOS PASTORINHOS**

Nossa Senhora, logo na 1.<sup>a</sup> aparição, a 13 de Maio de 1917, desafia os três Pastorinhos a entregarem-se a Deus, assumindo a dureza do sofrimento por que tiverem que passar, em espírito de reparação, favorecendo a conversão dos pecadores e o advento de um mundo melhor: «Quereis oferecer-vos a Deus para suportar todos os sofrimentos que Ele quiser enviar-vos, em acto de reparação pelos pecados com que Ele é ofendido e de súplica pela conversão dos pecadores?» E a resposta dos Pastorinhos não tardou, clara e firme: «Sim, queremos». Oferecimento exigente mas compensador que Nossa Senhora transmite com realismo e esperança: «Ides, pois, ter muito que sofrer, mas a graça de Deus será o vosso conforto» (*Memórias da Irmã Lúcia – 4.<sup>a</sup> Memória, II, 3*). E assim aconteceu.

Esta disponibilidade para aceitar os sofrimentos, dando-lhes um sentido redentor, não pode ser confundida com práticas doloristas, de mortificação autodestrutiva. Na verdade, são gestos de realismo e generosidade. Bem sabemos que a vida é como uma roseira com espinhos. Quem não sabe aceitar os espinhos perde as rosas. Jesus Cristo propõe aos que o seguem o realismo da cruz de cada dia: «Se alguém quiser vir comigo, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me. Quem quiser salvar a sua vida, perdê-la-á; mas, quem perder a sua vida por minha causa, há-de encontrá-la» (*Mt 16, 24-25*).

Os sacrifícios que Jesus Cristo deseja são os que são permeados de misericórdia, de amor; aos olhos de Deus, o que dá valor a uma penitência é o amor que se põe nela. «Quero misericórdia e não sacrifício» (*Mt 9, 13*).

A consciência da solidariedade dos três pastorinhos na salvação dos pecadores é deveras impressionante. Toda a sua vida fica dinamizada por esta meta, tomando verdadeira consciência do seu papel em construir um mundo melhor. Sem terem conhecimentos teológicos sobre a doutrina de S. Paulo acerca do corpo místico de Cristo, têm a sua profunda intuição espiritual. Assim, o P. António Maria Martins identifica o núcleo central da mensagem de Fátima como sendo o mistério do corpo místico. Todos temos que ser solidários do bem do corpo a que pertencemos. Melhorando um membro, todo o corpo recebe o benefício da sua saúde. Como afirma Élizabeth Leseur, «Toda a alma que se eleva, eleva o mundo». E os pastorinhos não se pouparam a penitências e sacrifícios para, cumprindo as exortações de Nossa Senhora, elevarem a qualidade de vida do mundo, pela conversão dos pecadores.

Consultando as *Memórias da Irmã Lúcia*, particularmente quando se refere aos seus primos Jacinta e Francisco, encontramos numerosas indicações das penitências e sacrifícios que os pastorinhos faziam, dando cumprimento aos pedidos de Nossa Senhora. Cito apenas algumas, começando por afirmações de Jacinta:

– «Quero sofrer pela conversão dos pecadores».

– «Também quero oferecer o sacrifício pela conversão dos pecadores».

– Jacinta «punha as mãozinhas, levantava os olhos ao Céu e dizia: – Ó Jesus, é por vosso amor e pela conversão dos pecadores».

– «Então não brinquemos mais. Fazemos este sacrifício pela conversão dos pecadores».

– «Tenho tantas dores no peito! Mas não digo nada; sofro pela conversão dos pecadores».

– «Gosto tanto de sofrer por Seu amor! Para dar-lhes gosto! Eles gostam muito de quem sofre para converter os pecadores».

Indico também a este propósito algumas afirmações de Francisco, que Lúcia relata na sua *Quarta Memória*:

– Estando presos em Ourém, dizia Francisco a sua irmã Jacinta: «A Mãe, se não a tornamos a ver, paciência! Oferecemos pela conversão dos pecadores. O pior é se Nossa Senhora não volta mais! Isso é que mais me custa! Mas também o ofereço pelos pecadores».

– «Gostava mais de consolar a Nosso Senhor. Não reparaste como Nossa Senhora, ainda no último mês, se pôs tão triste, quando disse que não ofendessem a Deus Nosso Senhor que já está muito ofendido? Eu queria consolar a Nosso Senhor e depois converter os pecadores».

É significativo o número de vezes que, nas *Memórias da Irmã Lúcia*, aparecem as palavras oferecer e oferecimento (cerca de 40), entrega ou entregar (aproximadamente 20) e consagrar ou consagração (cerca de 20). Só se possui quem se sabe dar. Quem mais se entrega é quem mais recebe. Deus está nas nossas vidas, como Ele é: força de doação em amor.

As aparições de Nossa Senhora aos Pastorinhos revolucionaram a vida destas três crianças Lúcia, Francisco e Jacinta. Foi uma autêntica conversão dos próprios interesses, porventura justos e rectos, à vontade salvífica de Deus. O grande salto de qualidade de vida pode resumir-se nesta expressão de S. Inácio de Loiola no livro dos Exercícios Espirituais: «sair de seu próprio amor, querer e interesse». É um êxodo fundamental para a terra prometida da liberdade no amor, típico de quem arrisca viver a entregar-se a Deus e ao próximo. Os Pastorinhos foram convertidos a renunciar a viver para si próprios a fim de se entregarem aos planos de Deus, que «quer que todos os homens

sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade» (1 Tm 2, 3). Os Pastorinhos passaram a praticar uma espiritualidade de quem já não vive para si mesmo (cf. 2 Cor 5, 15) mas todo se entrega a Deus, em reparação do mal feito e pela construção de um mundo melhor, pela conversão dos pecadores.

## **8. ENTREGA DE NÓS MESMOS A DEUS, PROGRAMA DE VIDA**

Toda a espiritualidade e vida para serem verdadeiramente cristãs têm que ser norteadas pela entrega de si mesmo. Quem se fecha em si próprio não espelha a eterna doação da Santíssima Trindade, não segue a Jesus Cristo que sempre se dedicou a fazer a vontade do Pai para a salvação da humanidade, nem imita Maria que se despojou de si mesma para se oferecer a Cristo, salvador do mundo.

Progredir na vida cristã, ir mais adiante nos caminhos da santidade significa libertar-se do *campo de concentração* do egoísmo, em favor da oferta de si mesmo aos planos de Deus, que vive totalmente entregue ao nosso serviço. Só progride quem imita Jesus Cristo que se «esvaziou a si mesmo, tomando a condição de servo..., rebaixou-se a si mesmo, tornando-se obediente até à morte e morte de cruz» (Fl 2, 7-8).

Desde o Baptismo que somos de Cristo, enxertados no seu tronco. Mas toda a vida deve ser um progressivo crescer na identificação com Ele, que é nosso *caminho, verdade e vida*. Por isso nos recorda S. Paulo: «Do mesmo modo que recebestes Cristo Jesus, o Senhor, continuai a caminhar nele: enraizados e edificados nele, firmes na fé, tal como fostes instruídos, transbordando em acção de graças» (Cl 2, 6-7).

A prática da oração, o cultivo da presença de Deus, o exercício da vida sacramental, especialmente a participação na Eucaristia, são meios particularmente recomendáveis para exercitar a entrega de nós mesmos a Deus, identificando-nos com o estilo de vida de Cristo. Mas importa notar que tudo na vida de um cristão tem valor, quando oferecido a Deus. Assim exorta o Concílio Vaticano II: «Todas as suas actividades, orações, iniciativas apostólicas, a sua vida conjugal e familiar, o seu trabalho de cada dia, os seus lazeres do espírito e do corpo, se forem vividos no espírito de Deus, e até as privações da vida se pacientemente suportadas, tudo se transforma em "sacrifício espiritual, agradável a Deus por Jesus Cristo" (1 Pd 2, 5). Na celebração eucarística, todas estas oblações se unem à do Corpo do Senhor para serem piedosamente oferecidas ao Pai. É assim que os leigos consagram a Deus o próprio mundo, prestando-Lhe por toda a parte, na santidade da sua vida, um culto de adoração» (*Lumen gentium*, 34; *Catecismo da Igreja Católica*, 901).

O *oferecimento das obras do dia*, prática fundamental do movimento eclesial do Apostolado da Oração, não é nenhum acrescento a uma lista de devoções. É muito simplesmente oferecer a Deus, por meio e ao jeito do Coração de Jesus Cristo, a nossa vida quotidiana, actualizando assim o mistério da salvação de Jesus em Nazaré. É um exercício de *dar o seu a seu dono*. Nós e toda a criação somos de Deus. Pelo oferecimento quotidiano, reconhecemos que Deus é *Nosso Senhor*, e a Ele nos entregamos, sabendo que *servir a Deus é reinar*.

O nosso actual Papa Bento XVI explicitamente recomenda esta simples prática de identificação com Cristo, através do oferecimento da simplicidade da nossa vida quotidiana: «Eu vos convido a renovar (...) a devoção ao Coração de Cristo, valorizando também a tradicional oração de oferecimento do dia e tendo presentes as intenções que proponho a toda a Igreja» (2008.06.01). Trata-se de uma pedagogia para vivermos o oferecimento salvador de Cristo, como sublinha o P. Peter-Hans Kolvenbach, anterior Superior Geral dos Jesuítas: «O oferecimento diário, essa forma simples e ao mesmo tempo profunda, expressa o propósito de viver unido a Cristo na sua entrega redentora e de prolongar a Eucaristia ao longo de todo o dia, num desejo de morrer com Cristo para que os irmãos tenham vida; a exemplo do Senhor, é um sair de si próprio e uma entrega aos outros».

Nada na nossa vida pode ser considerado desprezível, algo que não interessa a Deus, por não parecer suficientemente importante, nem ter um perfil sagrado. O que torna grande qualquer coisa não é a sua fachada de relevo social, mas o amor que pomos nela. Perante Deus, o amor da dedicatória vale imensamente mais que a riqueza do presente. Por isso, S. Paulo assim nos exorta: «Quer comais, quer bebais, quer façais qualquer outra coisa, fazei tudo para glória de Deus» (1 Cor 10, 31). A vida de Cristo em Nazaré também foi vivida no oferecimento das coisas simples do quotidiano, sem pregações nem milagres. Tudo foi salvador na vida de Jesus, sem intervalos, férias, greves ou tempos mortos: alegrias e sofrimentos, trabalhos e descansos, orações e convívios... Importa cultivar a virtude do realismo. É a partir do oferecimento das coisas simples da vida quotidiana, que estaremos preparados para algum oferecimento heróico em circunstâncias excepcionais. Como recorda S. Francisco Xavier: «Que ninguém alimente a ilusão de pensar distinguir-se nas coisas grandes, se de antemão não se distinguir nas coisas simples».

Como aos Pastorinhos de Fátima, Nossa Senhora evangelicamente hoje nos desafia: *Quereis oferecer-vos a Deus pela salvação do mundo, para que a Igreja seja mais santa, para que os pecadores se convertam e assim haja mais concórdia e paz no mundo? Estais dispostos a completar o que falta ao oferecimento de Cristo pela salvação da humanidade?* (cf. Cl 1, 24). A nossa resposta positiva, como a de Lúcia, Francisco e Jacinta, «sim, queremos», a todos trará benefícios, dando glória a Deus e tornando o mundo melhor.

Viver em oferecimento a Deus pela salvação da humanidade é o programa de vida de todo o cristão. O desafio que Nossa Senhora nos deixou em Fátima é um seu apelo maternal para praticarmos a entrega da nossa vida, como sempre fez Jesus Cristo, salvador do mundo.